

Clarice...era uma vez¹**Muna Omran (UFF)²**

Resumo: A partir do ensaio “O narrador”, de Walter Benjamin, será analisada a escrita para crianças de Clarice Lispector. Para a autora, escrever era um meio de libertação; escrever para crianças, mais ainda, pois, de acordo com suas palavras, “a criança tem a fantasia muito solta”. Sem cair em estereótipos, ensina seus pequenos leitores a contemplar a vida, a se preparar para as perdas e a conviver com as angústias através das relações dos homens com os animais, pois, como afirmava, “os bichos falam sem palavras”, logo, expressam com mais liberdade seus sentidos e sentimentos. Neste trabalho, será dada ênfase à hipótese de interlocução entre os contos “A vida íntima de Laura” e “Uma galinha”.

Palavras-chave: Clarice Lispector – literatura infantil – contos – Literatura Brasileira – Leitores.

Abstract: From Walter Benjamin’s essay “The Storyteller”, will be considered the writing for children of Clarice Lispector. For Lispector, writing was a means of liberation; writing for children, more, cause, according to her words “the fantasy of the child is free”. Without falling in to stereotypes, teaches their little readers to be prepared to face with losses, anguish through the relations between men and animals. In this work, also, will be given the possibility of a dialogue between the stories “The inner life of Laura” and “A Chicken”.

Key-words: Clarice Lispector- Children’s Literature – Short Stories – Brazilian Literature – readers.

¹ Texto apresentado no Simpósio de Pós-Graduação da Universidade Federal Fluminense, em setembro de 2011.

² Doutorado em Literatura Comparada pela Unicamp. Pesquisadora do Grupo Leitura, Fruição e Ensino, da Universidade Federal Fluminense e do Grupo de pesquisa Temáticas, Narrativas e representações árabes, asiáticas, africanas, sul-americanas e de comunidades diaspóricas. Endereço Lattes; <http://lattes.cnpq.br/1549706346007529>

Clarice...era uma vez

Muna Omran

O que se espera da leitura para crianças de Clarice Lispector? O nome da escritora sempre está associado aos romances e contos introspectivos, o modo de narrar de autoras como Katherine Mansfield e Virginia Woolf é a marca dos enunciadores de Clarice Lispector. O que esta autora teria a dizer para as crianças?

Conforme suas próprias palavras, Clarice afirmava:

“Quando eu me comunico com criança é fácil porque sou muito maternal. Quando me comunico com adulto, na verdade estou me comunicando com o mais secreto de mim mesma, daí é difícil... O adulto é triste e solitário. A criança tem a fantasia muito solta.” (Clarice Lispector em entrevista para a TV Cultura, em 1977, concedida a Júlio Lerner.)

Ao afirmar que as crianças tinham a imaginação solta, a literatura para crianças de Clarice, possibilita aos seus pequenos leitores a viver num mundo só deles, um mundo de magia, mas povoado por situações do mundo adulto. Em *Quase de verdade*, a história do cachorro Ulisses afirma que contará uma história que “só é verdade no mundo de quem gosta de inventar, como eu e você.” (52). Clarice entra no mundo da linguagem infantil explorando a língua em todas as suas possibilidades. Usa os recursos possíveis da língua, cria neologismos, anuncia que “a história vai hitorijar,” (p.55) no maravilhoso mundo da fábula. No entanto, suas fábulas não se limitam ao aspecto moralizante, pelas alegorias deste gênero, a autora explica e denuncia a realidade do mundo que cercava seus leitores, a vida não é vista apenas pelo seu lado positivo. Em seus contos, os animais têm nome de humanos (Laura, Bruno, Dilermando, Joãozinho, Max) têm amigos, sofrem com o

abandono, fogem da rotina, têm suas artimanhas, recebem visitas, lutam pela vida, contemplam a beleza de viver, temem a morte e, sobretudo, morrem.

A literatura infantil de Clarice prepara para a vida adulta, apesar do tom amoroso, da linguagem que usa, Clarice estabelece um pacto de amizade entre ela, seus leitores e suas histórias, “uma amizade sincera (...) uma amizade desembaraços de tudo (...)”. (Proust, 2011: 47).

Mas como acontece esse encontro com a literatura para crianças? Preocupada com o bem estar de seus filhos, um dia, autoritariamente, seu filho mais velho, Pedro disse: “Não quero que você escreva! Você é uma mãe.” (Lispector, Apud Moser: 316)

Em outros depoimentos a autora afirmava que seu filho Paulo exigira que escrevesse uma história sobre seu coelho Joãozinho, nascendo assim *O Mistério do Coelho Pensante*, “Esta história só serve para criança que simpatiza com coelho. Foi escrita a pedido-ordem de Paulo, quando ele era menor e ainda não tinha descoberto simpatias mais fortes.” (Lispector, 2010: 67)

Quem está habituado com os seus textos para “adultos”, estranha a doce voz maternal que se instala nessas narrativas onde bichos pensam, sofrem, sentem e falam.

Clarice aborda temas próximos à realidade da criança, não as poupando da difícil arte de viver. Seus personagens são animais que se sentem ameaçados de morte ou são bem tratados, ou abandonados ou até mortos. O medo de abandono da criança, o medo de ser o que não é, perpassa alguns desses contos. Não seria este também o medo de Clarice? “Há tantos anos me perdi de vista que hesito em procurar em me encontrar. Estou com medo de começar. Existir me dá às vezes tal taquicardia.” (Lispector, apud. MOSER, 2009: 58).

Ao contrário dos contos infantis tradicionais, onde o leitor é um espectador distante, que aceita passivamente o que o autor expressou, Clarice exige que seu pequeno leitor participe da construção da sua história, através de perguntas o prepara ao clímax. “Vocês sabem que tive uma guerra danada contra as baratas e quem ganhou essa guerra fui

eu?” (*A mulher que matou os peixes*). Ou ainda solicita esta participação, através da apresentação de mundos polifônicos, conduzindo o seu leitor implícito a recriar um texto, metaficcionalizando sua narrativa. “E agora me respondam: que é que vocês acham que Bruno fez?” (*A mulher que matou os peixes*).

As histórias infantis de Clarice são “textos de fruição”, no dizer de Roland Barthes, textos que desconfortam, que prendem, que instigam a novos questionamentos, fazem o leitor entrar em crise com a linguagem, levando o sujeito/ leitor a perder-se no desconfortável mundo linguagem literária ao tentar decodificar a palavra e seus emaranhados de sentidos.

“Texto de fruição: aquele que põe em estado de perda, aquele que desconforta (talvez até um certo enfado), faz vacilar as bases históricas, culturais, psicológicas do leitor, a consistência de seus gostos, de seus valores e de suas lembranças, faz entrar em crise sua relação com a linguagem.” (Barthes, 2004: 21)

Esse tipo de texto, do qual nos fala Barthes arrebatada e leva o leitor/ouvinte à fruição, pois os elementos do mundo maravilhoso das histórias infantis e a sua interação entre leitor são fundamentais, já que levam a criança a imaginar, a criar, a leitura, assim, passa a ser “a iniciadora cujas chaves mágicas abrem no fundo de nós mesmos a porta das moradas onde não saberíamos penetrar, seu papel na nossa vida é salutar.” (Proust, 2011: 39).

Mesmo escrevendo para crianças, Clarice transgride os limites do não dito, foge das fronteiras dos limites da língua, como faz em *A mulher que matou os peixes*, de início diz que os matou, mas conduz seu leitor a acreditar que não o fez premeditadamente, demonstra seu carinho por crianças e animais: “ Dou minha palavra de honra que sou pessoa de confiança e meu coração é doce: perto de mim nunca deixo criança nem bicho sofrer.” (p. 21) Através da inúmeras histórias que enreda dentro da história principal, tenta provar seu bom coração: “ – É porque

no começo e no meio vou contar algumas histórias de bichos que eu tive, só para vocês verem que eu só poderia ter matado os peixinhos sem querer.” (p. 22).

Clarice não abandona a digressão presente em sua obra para adultos, o centro de sua criação artística é marcada pela consciência individual, resultando assim, “o monólogo interior, a digressão, a fragmentação de episódios” (Waldmann Apud, Moser: 136). Assim, em *A mulher que matou os peixes*, a autora opta pela digressão, num tom de confiança com seus leitores e ao mesmo tempo pedindo perdão aos pequenos leitores, pois confirma, que mesmo sem intenção fora a culpada pela morte dos peixes de seus filhos.

“Vocês ficaram muito zangados comigo porque eu fiz isso? Então me deem perdão. Eu também fiquei muito zangada a minha distração. Mas esta tarde demais para eu me lamentar.

Eu peço muito que vocês me desculpem. Dagora em diante nunca mais ficarei distraída.” (Lispector, 2010: 49)

A enunciativa não se afasta da autora, e nas entrelinhas dessas narrativas a vida de Clarice, suas dúvidas e suas perdas se entrecruzam, dando ao leitor, adulto ou criança, a dimensão dos duros caminhos que constituem a existência humana, logo sua palavra é redentora e através dela expressa sua relação com o mundo. (Bakhtin, 2003: 180)

Quando conta a história de seu cachorro italiano Dilermando, conta com exatidão, como o encontrou e o quanto sofreu quando teve que deixá-lo. A dor de abandonar seu cão italiano, o ser que a amou sem restrições, é reproduzido em *A mulher que matou os peixes*. “Na hora de me despedir dele, fiquei tão triste que chorei. E Dilermando também chorou.” (p. 31)

Em carta as suas irmãs, Clarice fala dele com amor e dedicação de uma mãe zelosa. “O cachorro pegou uma doença, fui com ele ao veterinário e um burro me disse que era incurável” (...) “E lá estava eu chorando, passei um dia nervosa e triste com a ideia de que se teria que

matá-lo, que gosto tanto dele.” (Clarice Lispector Apud, MOSER, 2009: 238).

Assim como as crianças têm fantasia, no dizer da própria autora, sua narradora para crianças solta a imaginação.

“E a história?

Bem, ele se inicia no enorme quintal de uma senhora chamada Oniria.

Oniria é meio mágica também mas só quando entra na cozinha. Imaginem que, com ovo, farinha de trigo, manteiga e chocolate , ela consegue fazer explodir um bolo que é gostoso até para rei e rainha. Pergunto a você: quem é a pessoa mágica na cozinha de sua casa?” (*Quase verdade*, 2010: 53).

Essas histórias trazem modelos da tradição oral, seja nas perguntas que faz no enunciado, seja no tom que assume a voz da narradora. Esses modelos se encontram no mundo maravilhoso que cria para seus personagens, animais que têm voz, mas ao mesmo tempo subverte a ordem dessa tradição quando instiga a reflexão dos seus pequenos leitores sobre suas relações com vida.

“ Peço desculpas a pais e mães, tios e tias, e avós, pela contribuição forçada que serão obrigados a dar. Mas pelo menos posso garantir, por experiência própria, que a parte oral desta história é o melhor dela. (...)” (*O mistério do coelho pensante* pp 67-68).

“ - Puxa, eu não passo de um coelho branco, mas acabo de cheirar uma ideia tão boa que até parece ideia de menino!”.(*Idem*: 70).

Com isso, Clarice consegue que seu leitor se identifique com seus personagens e que suas narrativas adotem “a forma de ‘ panorama sincrônico da vida’ de um personagem, à base da justaposição de temas e episódios.” (COLOMER, 2003: 231).

Por outro lado, temos também a transgressão dos tipos tradicionais da narrativa para crianças. A experimentação literária solicita a participação daqueles que contarão a história, desafiando o leitor a

encontrar uma interpretação possível do que está lendo/ouvindo. A literatura se concretiza através deste jogo imaginativo.

Nestes contos de Clarice encontramos o narrador nato do qual nos fala Walter Benjamin, aquele que relata a própria experiência, aquele que sabe dar conselhos,

“Quanto maior a naturalidade com que o narrador renuncia às sutilezas psicológicas, mais facilmente a história se gravará na memória do ouvinte, mais completamente ela se assimilará à sua própria existência e mais irresistivelmente ele cederá à inclinação de contá-la um dia.” (Benjamin, 1987: 204).

Lispector relata a experiência da existência adulta, transforma seus leitores/ouvintes em seu alter ego, preparando-os para o porvir, ensinando-as a dividir suas experiências.

“ Vocês ficaram tristes com essa história? Vou fazer um pedido para vocês: todas as vezes que vocês se sentirem solitários, isto é, sozinhos, procurem uma pessoa para conversar. Escolham uma pessoa grande que seja muito boa para crianças e que entenda que às vezes um menino ou uma menina estão sofrendo.” (Lispector, 2010: 43).

O narrador nato, de acordo com Benjamin, tem como grande habilidade narrar a sua vida própria, a sua vida inteira, assim como o narrador do romance que narra com destreza os caminhos que levam a construção de uma história rica. As experiências da autora entrecruzam as histórias que conta para crianças, o pacto narrativo entre enunciador e ouvinte/leitor se faz na medida em que há uma aproximação entre esses elementos, representados num clima de total intimidade. “Sabem de uma coisa? Resolvi agora mesmo convidar meninos e meninas para me visitarem em casa. Vou ficar tão feliz que darei a cada criança uma fatia de bolo, uma bebida bem gostosa, e um beijo na testa.” (26)

Outra característica do narrador nato, no dizer de Benjamin, seriam os conselhos que dá. De acordo com o pensador alemão, toda narrativa traz uma lição, um ensinamento, seja uma realidade vivida por

um personagem seja por um ditado, esta prática é recuperada nos contos infantis de Lispector, mesmo que suas narrativas fujam ao modelo moralizante das fábulas tradicionais, mesmo que prepare seu leitor para a vida adulta, percebe-se que há vários pensamentos, aconselhamentos que podem ser aplicados para a vida adulta. Enumeramos alguns:

A) “A figueira ficou boba: ela não sabia até então que não se deve ser amigo dos ruins.” (Quase de verdade: 61)

B) “ Como vocês veem, existe de tudo neste mundo:” (A mulher que matou os peixes. : 30)

C) “ os cachorros não se perdoam.” (a mulher que matou os peixes: 40.)

D) “ Só há dois modos de descobrir que a Terra é redonda: ou estudando em livros, ou sendo feliz. Coelho feliz sabe um bocado de coisas.” (O mistério do coelho feliz: 76).

E) “Porque o que vale é ser bonito por dentro.” (A vida íntima de Laura: 8)

F) “ A galinha é tão burra que não sabe que só se morre uma vez, ela pensa que todos os dias a gente morre uma vez”. (idem:16)

“Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso. Os narradores gostam de começar sua história com uma descrição das circunstâncias em que foram informados dos fatos que vão contar a seguir, a menos que prefiram atribuir essa história a uma experiência autobiográfica.” (Benjamin, 1987: 205).

Em seus contos infantis, Clarice se mantém sujeito do texto, é exclusivamente dela o ato de narrar, é dela a imagem do mundo real que passa em seu discurso, pois como artista dá o seu enfoque da vida numa discussão para crianças, articula os elementos sociais, práticos e morais em seus textos, pois ao artista cabe “ encontrar o enfoque essencial à vida de fora dela – eis o objeto do artista.” (Bakhtin, 2003: 176).

Outro dado que observamos nos contos infantis, é a ausência de heróis, os protagonistas não vivem num mundo maniqueista, não há a luta do bem contra o mal, não buscam a ordem e a justiça, são seres

comuns, com as fraquezas humanas, mesmo que sejam animais, são humanizados e seus conflitos expostos. Por exemplo, Laura, a galinha, apesar de “burrinha”, tem “pensamentozinhos e sentimentozinhos” e seu cacarejo soa como um pedido: “não me matem! Não me matem” (*A vida íntima de Laura*. :9)

Clarice Lispector, em sua obra infantil, realiza a tarefa de levar os conflitos do mundo adulto e humano para um mundo infantil através da antropomorfização de seus personagens. Nesse universo, perpassam todos os sentimentos que teve, todos os receios que viveu. Em *Quase de verdade*, o narrador é um cachorro chamado Ulisses que se apresenta para seus leitores:

“ Era uma vez...Era uma vez:eu!
Mas aposto que você não sabe quem eu sou. Prepare-se para uma surpresa que você nem adivinha.
Sabe quem eu sou? Sou um cachorro chamado Ulisses e minha dona é Clarice. Eu fico latindo para Clarice e ele – que entende o significado dos meus latidos – escreve o que lhe conto. Por exemplo, eu fiz uma viagem para o quintal de outra casa e contei a Clarice uma história bem latida: daqui a pouco você vai saber dela: é o resultado de uma observação minha sobre essa casa.” (Lispector, 2010:,51).

De acordo com Benjamin Moser (2009), um dos temas centrais de Clarice Lispector são o ovo e a galinha. A presença do ovo, origem da vida, é forte no conto *Ao Amor e o Ovo*. Já a galinha aparece em *Ovo e a galinha*, que segundo a própria autora, na entrevista para Júlio Lerner, este conto era um mistério para ela.

Uma galinha e *A vida íntima de Laura*, o primeiro publicado em Legião Estrangeira, o segundo, *A vida íntima de Laura*, “ a melhor literatura infantil é assustadora,(...) ela não economiza no sangue.” (Moser: 2009:.487).

O conto *A vida íntima de Laura*, atrai pela intertextualidade que estabelece com o conto *A Galinha*. Como a própria autora afirmava: “ Eu entendo uma galinha, perfeitamente. Quero dizer, a vida íntima de uma galinha, eu sei como é.” (Lispector, Apud, Moser 2009 : 488).

Clarice cita seus próprios textos, as situações, personagens, indagações presentes em *A vida íntima de Laura*, se encontram em *A Galinha e O ovo e a galinha*, por exemplo, reforça-se a preocupação da autora com as dúvidas da vida.

Num tom de total intimidade com seu leitor, a narradora inicia o conto explicando o sentido de vida íntima: “ É assim: vida íntima quer dizer que a gente não deve contar a todo mundo o que se passa na casa da gente. São coisas que não se dizem a qualquer pessoa. “Pois vou contar a vida íntima de Laura.”(p. 7)

Ao afirmar que Laura era uma galinha muito burra e feia, mas tinha um grande coração, uma beleza anterior, retoma o ensinamento da tradição oral, mostrando que o que mais vale é a beleza interior, apesar ter um “pescoço mais feio que já vi no mundo”, Laura era uma boa mãe, amava seu marido Luís, apesar das brigas que às vezes tinham, era bonita por dentro.” (p.8). Nota-se aqui a humanização do cotidiano dos animais, ironicamente, Clarice já prepara seu leitor para as desavenças entre seres que se amam.

O grande receio de Laura era um dia morrer, ou melhor, temia que um dia a matassem, mas como colocava muitos ovos que eram bonitos, ainda cacarejava quando algum ladrão aparecia no quintal de D.Luisa. E assim, Laura ia sobrevivendo, dia após dia, conseguindo se salvar de virar galinha ao molho pardo. Um dia, porém, para se salvar do triste destino das galinhas de quintal, Laura meteu o bico na lama e se lambuzou toda, despenteou-se, afirma a narradora: Porque o que vale mesmo é ser bonito por dentro.” (p. 8).

Em seu lugar, a cozinheira pegou Zeferina, “meio arruivada e meio marrom, que era muito parecida com Laura.” (p.16) que apareceu numa travessa de prata, pronta para ser comida ao molho pardo.

O conto *Uma galinha*, inicia com uma referência aos contos infantis: “ Era uma galinha de domingo”, começando assim a luta de uma galinha de domingo pela sua sobrevivência, mas não consegue vencer a morte, pois “Até que um dia mataram-na, comeram-na e passaram-se anos.” ao contrário de Laura, que tem uma vida “bem gostosinha”.

Nota-se assim, que ao contrário do pregava Benjamin, de que com a modernidade findaria com a modernidade, Paul Ricoeur.

“Talvez seja necessário, apesar de tudo, (...) acreditar que novas formas narrativas, que ainda não sabemos denominar, estejam nascendo; elas atestarão que a função narrativa pode se metamorfosear, mas não morrer. Pois não temos qualquer idéia do que seria uma cultura em que não se soubesse mais o que significa narrar.” (RICOEUR, 2011: 45.)

Sem dúvida, o leitor mirim de Clarice é incitado a ler no futuro seus textos para adultos, pois em sua memória ficam seus ensinamentos, o leitor mirim de Clarice desde cedo tem contato com a difícil arte de se viver, pois assim Lispector os ensina, sem dar respostas, apontando os caminhos, mostrando a beleza da arte de viver. Conforme Proust aponta, a sabedoria do leitor inicia onde a do autor termina, pois ele (o autor) não dá respostas, mas cria desejos de “contemplar a beleza suprema à qual o último esforço de sua arte lhe permitiu chegar.” (Proust, 2011: 34)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. *A Estética da Criação Verbal*. Tradução Paulo Bezerra, São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARTHES, Roland *O prazer do texto*. Tradução Jacob Ginsburg São Paulo: Perspectiva, 2003.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política – Obras Escolhidas*. Tradução Laura Sandroni. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989. 3.ed. Vol.1.

COLOMER, Teresa. *A formação do leitor literário- Literatura Infantil e juvenil atual*. Tradução: Laura Sandroni. São Paulo: Editora Global, 2003.

LISPECTOR, Clarice. *O mistério do coelho pensante e outros contos*. São Paulo: Editora Rocco, 2011.

MOSER. Benjamin. **Clarice, uma biografia.** Tradução José Geraldo Couto. São Paulo: Editora Cosaf Naify, 2009.

PROUST. Marcel. *Sobre a leitura.* Tradução Carlos Vogt. São Paulo: Editora Pontes, 2011.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa.* Tradução Cláudia Berliner. São Paulo, Martins Fontes, 2011.Vol.1